

Educação sexual nas escolas: uma intervenção e contribuição relevante para a saúde pública

Tamires Correia dos Santos ⁽¹⁾; Itala Kelvia Lira ⁽²⁾; Aldo da Silva Oliveira ⁽³⁾;
Romário Correia dos Santos ⁽⁴⁾; Romildo Armindo da Silva ⁽⁵⁾

⁽¹⁾ Discente do curso de Enfermagem; Voluntária no projeto de Extensão - Projeto Comunitário Vivenciando a Enfermagem Com Educação Em Saúde; Faculdade CESMAC do Sertão; Palmeira dos Índios, Alagoas; barbosatamires@outlook.com; ⁽²⁾ Discente do curso de Enfermagem; Faculdade CESMAC do Sertão; ⁽³⁾ Discente do curso de Ciências Biológicas; Instituto Federal de educação, ciência e tecnologia de Alagoas; ⁽⁴⁾ Discente do curso de Odontologia; Universidade Federal de Pernambuco; ⁽⁵⁾ Enfermeiro - especialista em docência do ensino superior; Faculdade CESMAC do Sertão.

Resumo

Os adolescentes, no mundo inteiro, estão iniciando sua vida sexual gradativamente cedo, o que os expõem em grande escala às doenças sexualmente transmissíveis (DST's) ou a uma gravidez indesejada. A escola tem papel complementar no processo educativo sobre sexualidade, visto que, muitas vezes, os alunos não têm acesso ao assunto na convivência familiar. É bom salientar que, o enfermeiro auxilia no desenvolvimento de ações multidisciplinares voltadas ao tema em questão. Dessa forma, esta pesquisa teve por objetivo analisar a percepção de escolares sobre sexo na adolescência. O estudo basear-se, por uma análise de revisão da literatura. A procura do referencial teórico e metodológico foi realizada nas bases de dados *SciELO* (Scientific Electronic Library Online) BDEF (Base de Dados da Enfermagem) e LILACS (Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde). Portanto, compete ao docente vincular o trabalho educativo à família dos escolares de forma conjunta com o profissional enfermeiro por meio de orientações para os pais, tornando-os eficientes no processo de educação do escolar.

Palavras-chave: orientação, sexualidade, enfermeiro.

Abstract

Teenagers around the world are starting their gradual early sexual life, which expose large-scale sexually transmitted diseases (STDs) or an unwanted pregnancy. The school plays a complementary role in the educational process on sexuality, as often students do not have access to the subject in family life. The nurse assists the development of multidisciplinary actions to the issue at hand. Thus, this study aimed to analyze the perception of students on teenage sex. The study is based, by a literature review study. The search for the theoretical and methodological framework was held in the databases SciELO (Scientific Electronic Library Online) BDEF (Nursing Database) and LILACS (Latin American and Caribbean Health Sciences). Therefore, it is for the teacher to link the educational work of the family jointly school with professional nurse through guidelines for parents, making them efficient in the education process.

Keywords: orientation, sexuality, nurse.

INTRODUÇÃO

A atividade sexual na adolescência tem se expandido em todo o mundo, e, com ela, o risco de ocorrência de gravidez neste grupo etário. Agregados ao número crescente de doenças sexualmente transmissíveis nesta população adolescente e jovem estabelecem-se em dificuldades resultantes e não dissociáveis e tem sido alvo da implantação de diferentes intervenções e investigações pertinentes ao tema (FREITAS EP, 2014).

A primeira relação sexual é analisada por um acontecimento de ampla relevância na vida do indivíduo. Sob a ótica da saúde reprodutiva e sexual, juntamente com a adolescência que representa uma passagem para a vida adulta, além disso, insere este ser em mudança, de modo preocupante, no grupo vulnerável à obtenção de doenças sexualmente transmissíveis (DST) e AIDS, tal como, ao risco de uma gestação não planejada (BORGES, 2007).

Pesquisas indicam o início cada vez mais precoce da atividade sexual da adolescência. E este começo não está seguido de uma educação sexual apropriada, muito menos de informações de fisiologia e aspectos biológicos pertinentes ao sexo e reprodução, derivando em pouco uso de medidas contraceptivas (BORGES, 2007).

A adolescência é um momento de diferentes alterações sociais, econômicas, corporais, cognitivas e afetuosas, da qual as modificações adentram o início da vida sexual (MOREIRA SB. et al. 2012). Conforme pesquisas da Organização Mundial de Saúde, a grande maior parte dos adolescentes inicia sua vida sexual gradativamente, geralmente entre 12 e 17 anos, no momento que enfrenta a supramencionada fase, desacompanhada de responsabilidade.

Nesse momento, segundo asseguram (ASINELLI, et al. 2008) os jovens estão em busca de uma identidade, contudo, a insegurança, a influência dos meios de comunicação e as fantasias com as quais se deparam, no início da prática sexual, associados a pouca percepção de riscos e restrita noção que tem acerca da sexualidade.

O assunto sexualidade vem sendo debatido nas escolas por meio dos assuntos transversais, para serem trabalhados em todas as disciplinas, mas excepcionalmente esse discurso mesmo que venha sendo trabalhado desde o século XX em diferentes contextos educacionais, vem sendo discutido devagar. Atualmente, é tão difícil falar sobre sexualidade, mesmo que esse tema seja tão abordado na televisão, nas músicas, nas revistas e em outros meios de comunicação, que fazem parte do nosso cotidiano e da nossa realidade (Brasil, Ministério da Saúde, 2013)

Excepcionalmente existem certos preconceitos das famílias ao falarem a cerca desse tema com seus filhos que até mesmo por falta de concepção e orientação, mesmo porque em seu processo histórico eles não receberam orientação acerca da sexualidade, fazendo assim com que eles não sintam à vontade para falar sobre esse tema, determinados não falam por medo, por pensarem que se eles falarem estará incitando o ato do sexo, deixando para que a escola trabalhe esse assunto (SANTOS FT).

Segundo Costa ESA-2016, a orientação sexual na escola é um dos fatores que colabora para a informação e reconhecer os direitos sexuais e reprodutivos. Estes dizem respeito à probabilidade de que homens e mulheres tomem determinações acerca de sua fertilidade, saúde reprodutiva e criação de filhos, tendo ingresso aos conhecimentos e aos recursos imprescindíveis para praticar suas decisões. Tal ação, porém, toca outros setores, como o da saúde, cujos profissionais devem orientar pais e filhos sobre esse tema, o que exige uma abrangência do cenário cultural, tendo em vista que a cultura é um dos fatores determinantes nos agravos à saúde e no processo de educação em saúde (VALDIVINO JO).

Neste sentido, esta pesquisa teve como objetivo analisar a percepção de escolares sobre sexo na adolescência. E, especificamente: avaliar as fontes de referência que o adolescente tem para o tema sexualidade; verificar o conhecimento dos adolescentes a respeito da prática sexual desprotegida; identificar quais os métodos que a escola utiliza como maneira educativa para a sexualidade; descrever a contribuição do enfermeiro no espaço escolar com relação ao processo de ensino-aprendizagem sobre sexo.

Esta razão é que nos levou a escolha desse tema, pois muitos adolescentes sofrem influências de diversas fontes como: família, televisão, cinema, imprensa, propaganda e, sobretudo da internet, onde não se tem um controle dos conteúdos acessados por esses adolescentes, e essas fontes atuam como forma crucial na sua formação sexual, inundando o dia-a-dia dos jovens com apelos sexuais jamais vistos por outra geração. E é daí que nasce a fantasia de que toda relação sexual é maravilhosa; em razão do adolescente se deixar influenciar por esse bombardeio, não tendo maturidade suficiente para distinguir o certo e o errado.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Trata-se de revisão integrativa da literatura. A procura do referencial teórico e metodológico foi realizada nas bases de dados *SciELO* (Scientific Electronic Library On line) BDENF (Base de Dados da Enfermagem) e LILACS (Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde).

A questão norteadora da pesquisa foi: Quais os desafios da escola para implantar a educação sexual na sala de aula?

A análise do material foi realizada através de leitura crítica e qualitativa que permitiu identificar convergências, possibilitando o seguinte agrupamento por eixos temáticos: História e epidemiologia, educação e orientação sexual, a inclusão da orientação sexual na escola, conhecimentos dos escolares sobre sexo na adolescência e o papel do professor e do enfermeiro na escola orientando o ensino aos escolares sobre sexo na adolescência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados alcançados são visualizados na Tabela 1 que se segue, na qual é identificada (o) a autora (e)s, títulos dos artigos e ano de publicação dos mesmos.

Tabela 1. Relação dos artigos identificados na pesquisa.

AUTORIA	TÍTULO	ANO
Moreira SB. et al	Percepção dos estudantes da escola são Vicente de Paula.	2012
Costa ESA	Percepção de alunos da educação básica sobre sexualidade.	2016
Freitas PC et al	Saúde sexual dos adolescentes segundo a Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares	2011
Silva MGA	A Sexualidade Infantil: Desafios e Perspectivas no Currículo Escolar.	2013

A Organização Mundial de Saúde (OMS) avalia a adolescência como a segunda década da vida, de 10 a 19 anos, a Constituição Brasileira conceitua adolescente a pessoa com idade entre 12 completos e 18 anos incompletos, do mesmo modo, existe desacordo entre a fixação etária do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que foi estabelecido pela Lei 8.069 no dia 13 de julho de 1990 em que limita os direitos das crianças e dos adolescentes inspirado pelas diretrizes proporcionadas pela Constituição Federal de 1988 com as asseverações da Organização Mundial de Saúde (Silva MA et al).

Educação em saúde deduz uma combinação de chances que beneficiam a promoção e a manutenção da saúde. Então, não se pode entendê-la apenas como a transmissão de conteúdo, comportamentos e hábitos de higiene do corpo e do ambiente, mas, além disso, como a adoção de práticas educativas que procurem a autonomia dos sujeitos na condução da sua vida. Educação em saúde nada mais é que o exercício de construção da cidadania, colocando-a em destaque na promoção da saúde (GENIAKE LMV, 2015).

O Ministério da Saúde junto com o Ministério da Educação desenvolveram um programa Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE). O programa apareceu com a finalidade de estimular as escolas a adotarem a educação sexual em seus currículos e debate com pais, professores e diretores a melhor forma de transmitir conhecimentos de prevenção aos jovens. O programa Saúde e Prevenção nas Escolas, além disso, têm uma parceria com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e o Fundo das Nações Unidas para a Infância - UNICEF (BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2005).

No estudo (FREITAS et al, 2014) na escola pública, 60% dos adolescentes descreveram que seus pais dialogam com eles acerca de sexo, entretanto destes, somente 20% tomam esta ação. Os demais (30%) dialogam ocasionalmente acerca do tema e em 10% dos casos, isto acontece por ação do escolar.

Já no estudo (BRÊTAS E SILVA, 2005) quanto ao questionamento do assunto entre amigos, todos os participantes, tanto da escola pública como da privada, descreveram que dialogam acerca de sexo com seus pares. Em outro estudo questionado a mesma questão, autores chegaram à conclusão de que os amigos, ao lado dos pais, consolidam-se como as fundamentais fontes de conhecimento acerca da sexualidade.

Num estudo de (SILVA MA et al, 2012) com adolescentes de uma escola secundária pública, (90,7%) deles se avaliaram satisfeitos com os conhecimentos que recebem da família. Entretanto nesta mesma pesquisa, a fundamental fonte de conhecimento dos dois sexos, foram os amigos (41, 3%), seguido de livros e internet (25, 7%) e por fim os pais (22,8%).

No estudo de (Ferreira, 2011) entre os adolescentes que já iniciaram atividade sexual, a maior parte nunca foi a uma consulta de planejamento familiar, segundo confirmam determinados estudos, cerca de 73,5% e 84,7%.

No momento que se questionou aos adolescentes acerca do que é vida sexual para estes, observou-se que, para a maior parte das meninas a relação sexual se compõe em um ato de amor e afeto. Já para os meninos, a vida sexual foi associada à opinião do ato sexual propriamente dito, não fazendo citação a sentimentos. Garantindo estes achados acerca da questão da sexualidade na adolescência masculina, confirmou que, para estes escolares, o amor e o sexo seriam experiências que correspondem a ambientes diferentes (BORGES ALV, 2007).

Compete ao educador vincular o trabalho educativo à família dos escolares, com orientações para os pais, tornando-os eficientes no processo de educação para a sexualidade (BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2006).

O enfermeiro em sua atribuição pertinente ao ensino-aprendizagem se torna eficiente na motivação de capacidades indispensáveis, assim acredita-se na capacidade deste profissional para transmitir conhecimento e apostar na responsabilidade de conscientizá-los e através deste fazer com que transformem a realidade da saúde através de ação educativa (ASSIS CAPRS, 2014).

CONCLUSÃO

A educação sexual da criança e do adolescente deve ser iniciada com a família, e ser complementada pela escola e pelos enfermeiros, pois é de extrema relevância para a evolução da sexualidade do adolescente, é por meio dela que ele poderá ter uma visão positiva de sua sexualidade, desenvolver uma comunicação clara nas relações interpessoais, entender o seu comportamento e do outro e escolher o momento apropriado para o início da vida sexual segura, saudável e prazerosa.

É por meio da conversa que se transmite e conhece melhor a história, interesses e problemas da comunidade escolar, tal como possibilitar a elaboração de estratégias para a solução dos problemas vivenciados pela escola/comunidade.

A escola é sem dúvida um dos melhores espaços para repassar os ensinamentos aos escolares acerca dos métodos contraceptivos e promoção da saúde, já que os mesmos passam a maior parte do tempo na escola, e ali estão envolvidas diversas faixas etárias e troca de experiências vividas por eles e pelo profissional. É nesse ambiente que agrega grande parte dos adolescentes e jovens da comunidade, um ambiente de socialização, formação de dados transmitidos e tempo de permanência.

REFERÊNCIAS

ASINELLI- Luz, A.; Junior, Nelson Fernandes. Gênero, adolescências e prevenção ao HIV/AIDS. Pro-Posições [online]. 2008, v.19, n.2, p. 81-97. ISSN 0103-7307, 2008.

ASSIS CAPRS. **A importância da enfermagem na orientação sexual de adolescentes no ambiente escolar.** Disponível em: sei-cesucol.edu.br > Capa > n. 5 . 2014> Aguiar. Acesso em: 29/08/2016.

BRASIL Ministério da Saúde. Caderno de atenção básica, Saúde sexual e saúde reprodutiva. 2013

BORGES ALV Schor N (2007). Homens adolescentes e vida sexual: heterogeneidades nas motivações que cercam a iniciação sexual. Cad Saúde Pública.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde integral de adolescentes e jovens: orientações para a organização de saúde.** Ministério da Saúde. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2005.

BRÊTAS JRS Silva CV. **Orientação sexual para adolescentes: relato de experiência.** Acta paul. Enferm. 2005.

COSTA ESA. Percepção de alunos da educação básica sobre sexualidade. Disponível em: Acesso em: 08/08/2016.

DOS SANTOS, Fabrícia Teodósio; DOS SANTOS, Maria de Fátima Macedo; DOS REIS MIRANDA, Joseval. SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL NA PERCEPÇÃO DOS ALUNOS.

FREITAS EP. et al. **Percepção de adolescentes sobre a prática sexual na adolescência.** Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente. Lisboa, 5(2) 2014.

FERREIRA MMSRS, Torgal MCLFPR. **Estilos de vida na adolescência: comportamento sexual dos adolescentes portugueses.** Rev.Esc.Enferm USP. 2011.

GENIAKE LMV. **Oficinas educativas com gestantes: uma intervenção na unidade de saúde da família.** Rev. Ed. Popular, Uberlândia, v. 14, n. 1, p. 136-144, jan./jun. 2015.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Saúde e prevenção nas escolas: guia para formação de profissionais da saúde e de educação.** Brasília: Ministério da Saúde, 2006

MOREIRA SB. et al. DSTs: percepção dos estudantes da escola são Vicente de Paula, Exu-Pe. Enciclopédia biosfera, Centro Científico Conhecer, Goiânia, v.8, n.15; p. 2012.

REFERÊNCIAS

SILVA MA et al. O enfermeiro na atenção à saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. Rev. Bras. Enferm. Brasília, v. 61, n. 3 2008.

SILVA HM Ferreira S Águeda S, Almeida AF, Lopes A, Pinto F. **Sexualidade e risco de gravidez na adolescência: desafios de uma nova realidade pediátrica.** Acta Pediatr Porto. 2012.

VALDIVINO JO. A orientação sexual e sua importância no contexto escolar. Disponível em: www.ufpb.br/evento/liti/ocs/index.php/.../378/212. Acesso em: 09/08/2016.